

## Meu avô e o trabalho

**Leila Uruhay Grienz**

[Psicóloga Social. Radialista]

Quando comecei a trabalhar com 15 anos de idade, na Rádio de Indaial, em Santa Catarina, minha avó me chamou e disse em tom solene: o Gringo quer falar com você. Gringo era o meu avô. O apelido se devia não por ele ser gringo de origem. Ninguém sabe ao certo como se deu a mistura de alemão, italiano e polonês que culminou naquele Grienz, nascido enorme no ano de 1924 e desaparecido há pouco, em 2017, aos 93 anos. O Gringo achava que para falar com suas netas, deveria haver uma intermediação da avó. Com os netos a ligação era direta. Anos depois, quando ficamos mais “cúmplices” nas afinidades políticas, o Gringo dispensava a convocatória da ‘vó. Ele me chamou para a varanda e se preparou para o que, na época eu não sabia, seria uma longa conversa. Muitos anos depois, sempre que eu visitava meus avós, no fundo eu o fazia somente para “uma longa conversa” com o Gringo. Naquele final de tarde fria que nos encolhia, mas não encolhia os cantos das borralharas-assobiadoras <https://www.wikives.com.br/327415&tm=skt+ok+24&or=dp&desc=1&p=1>

e dos capitães-de-saíra <https://www.wikives.com.br/3274381&tm=skt+ok+24&or=dp&desc=1&p=1> que aprendíamos a ouvir em Indaial desde a hora do parto, eu estava apreensiva. Havia algo distinto naquela solenidade do Gringo para falar com uma de suas tantas netas. Com um português catarinense sonoro e honrado, cujo leve sotaque luso-germânico-italiano nunca consegui definir bem nas seções de Psicologia, ele abriu as suas aspas: “Lái” (o Gringo nunca me revelou porque me chamava de Láí, se eu me chamava Leila), “Schatzi” (era como chamava minha ‘vó - algo como tesourinho) “*me disse que você vai trabalhar na Rádio. Gostei de saber, trabalhar é bom.*” O frio e os cantos passarinhais catarinenses ficaram mais evidentes. Ele ficou em silêncio por um tempo que eu jamais saberia precisar qual, enquanto eu me encolhia, apurava meus ouvidos, olhava firme em seus olhos azulados-cinzentos e esperava o que seria aquela ‘longa’ conversa. Falou: “*Trabalhar é bom, desde que você tenha a capacidade de se indignar com a injustiça. Você sabe que eu aprendi a ler riscando o chão de terra com gravetos.*”

*Eu, meu amigo de infância Zil e o nosso professor negro Antonio Silveira. O que você não sabe é que eu resalto que o professor Antonio era negro, pois ele não era professor, porque não tinha escola, a gente não tinha como ir à escola, era de muita lonjura. E eu digo que era negro porque naquela época era mais fácil ver um cisne azul do que um negro nestas nossas terras, muito menos professor.*

*Ele era trabalhador braçal que tinha vindo de São Paulo e, acho que por isso, sabia ler e muito bem. Era ilustrado de leitura na luz das velas, e gostava de mim e do Zil. Gostava porque via eu e Zil, dois meninos magricelas e risonhos, roçando com alegria e falando sem parar.*

*Sempre por perto, o professor ficava olhando p’ra gente com olhos de ternura. Um dia que eu nem me lembro, ele falou:*

*‘Zil, Gringo, vocês estão trabalhando?’ Eu respondi correndo, ué seu Antonio, o que que o senhor acha? E ele respondeu: ‘P’ra vocês trabalharem de verdade vocês precisam aprender a ler’. E, sem esperar a nossa reação ele escreveu no chão de terra a palavra TRABALHO. Zil e eu nos olhamos sem entender o que era aquilo. Ele não deu tempo, falou: ‘Isso aqui é a palavra TRABALHO’. Com essa palavra vocês vão aprender a ler.’”*

Não sei se essas foram as exatas palavras do Gringo na nossa primeira longa conversa. Sei que no final daquela tarde, a ‘vó Schatzi (o tesourinho do Gringo), pela primeira vez não me acompanhou à cama.

A hora já tinha passado.

Borralharas-assobiadoras e capitães-de-saíra já deviam estar dormindo há muito tempo, pois ouvi corujas (o Gringo me falou que eram corujas), coisa que eu conhecia só pelas histórias da Schatzi. Da longa conversa (a primeira de muitas) me lembro das principais que deram rumo à minha vida: trabalho é a palavra que ensina a ler; trabalhar é bom desde que você tenha a capacidade de se indignar com a injustiça; trabalhar é um ato de poder, algo como a posse de sua força, e nessa conjugação do verbo trabalhar não cabe ser possuído.

O Gringo, já naquela época dos meus 15 anos era assíduo frequentador da Biblioteca de Indaial. Lembro vagamente de Schatzi reclamando que ele passava horas e horas por lá. Perdia até o almoço, às vezes. Heresia imperdoável em Indaial, principalmente sabendo que a Biblioteca ficava a duas quadras de nossa casa.

Aos 17 anos, quando saí de lá, para só voltar para as longas conversas eventuais, lembro-me que o Gringo me convocou, dessa vez sem a intermediação de Schatzi.

Dessa noite, antes de minha partida para uma vida de quase nômade, lembro-me que ele insistiu para que eu me indignasse frente a qualquer injustiça.

Anotei num pedaço de papel isso que me pareceu uma palavra de ordem, vindo de sua boca com tanta ênfase:

*“Na vida e, principalmente, no trabalho, nunca deixe de indignar-se!”*

Pouco antes do Gringo morrer, em 2014 voltei para visitá-lo e também à ‘vó Schatzi. Foi a última longa conversa.

Ou melhor, foi uma longa noite de silêncio.

O Gringo pouco falou, mas lá pelas tantas me deu um pequeno livro em francês. Lançado em 2010, o libreto dizia INDIGNEZ VOUS! Meu parco francês não impediu de traduzir: INDIGNE-SE!

Saí com ele e Stéphane Hessel (o autor) em minhas mãos.

Alguma coisa me dizia que era a última vez que eu veria o Gringo, mas jamais deixaria de obedecê-lo ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*